

o Libertário

LUTAMOS CONTRA
TÓDAS AS FORMAS DE
TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO
E DE OBSCURANTISMO — E EM PROL DE
LIBERDADE E BEM-ESTAR
PARA TODOS.

O Povo Não Pode Cuidar de sua Saúde

ASSISTÊNCIA COMO UM DIREITO E NÃO PRETEXTO PARA HUMILHANTE CARIDADE

Já se disse que o Brasil é um imenso hospital. Autoriza essa afirmativa a situação de abandono em que se encontra a maioria dos brasileiros quanto à defesa de sua saúde. E é justamente a parte ativa da população — a que trabalha e produz — que sofre as consequências desse abandono criminoso.

As endemias tornaram-se coisa normal na vida brasileira. A malária e o amarelão reduzem a frangalhos a massa obreira do interior do país; e a tuberculose, num crescendo apavorante, ceifa as populações dos ranchos, das favelas, dos mocambos, dos porões e dos cortiços.

Pudera! Com a vida que leva, oferece o trabalhador brasileiro campo fértil para a propagação de todas as moléstias: habitações sem higiene, alimentação escassa e imprópria, trabalho sem conforto e atribuições sem conta. O Brasil não é um imenso hospital, porque não dá abrigo aos seus doentes; poder-se-ia dizer que se assemelha mais a um imenso campo de concentração de subnutridos e maisões, com os curandeiros fazendo às vezes de médicos, pelos sertões afora, onde as esteiras substituem os leitos dos hospitais, e a mézinha, nas garrafadas, os passes e as benzeduras substituem medicamentos na falta da assistência médica.

Carece, portanto, o povo trabalhador do Brasil de toda a sorte de assistência social. Falta-lhe amparo à infância, à mulher, na maternidade, aos enfermos, à velhice, aos inválidos. E isso tudo deve-lhe ser concedido como um direito adquirido pela sua vida de labutas e não como um favor ou como caridade humilhante, servindo de objeto de propaganda, e de exploração para organizações religiosas ou de pretextos para custosas festas às damas da burguesia a sua vasse servem para justificar a sua vaidade e para ostentação de suas toilettes luxuosas.

Aos ganhos dos trabalhadores são arrancadas fortunas vultosas para os institutos de pensões e aposentadorias, que, ao mesmo tempo que canalizam verbas enormes para a construção de edifícios suntuosos e para fins políticos, destinam apenas migalhas de seus fundos para as pensões, que constituem uma afronta, e para precários ambulatórios.

Pois que se movimentem esses institutos com nova orientação, fundindo-os num só e estendendo a todos os trabalhadores inclusive os do campo, arrecadando os recursos deles retirados para fins estranhos às suas finalidades, entrando o governo com a grande fortuna que lhe deve, acabando-se a sua dispendiosa administração, dificulta seus serviços e simplificando-se a sua dispendiosa administração.

A essas medidas saneadoras juntem-se as remodeladoras. Complete-se seu serviço de assistência, incluindo nos ambulatórios os serviços médico, farmacêutico, dentário e hospitalar, estabelecendo-se o auxílio-doença e as pensões na base dos salários.

Noutro tempo, o escravo acobrinhado escapava de seu cárcere, sonhando com um céu onde sua miséria seria recompensada como gosos eternos; agora, porém, que a ciência descobriu esse engano do mais além, da fumba, o escravo, o operário, cansado de morrer para ser feliz, exige a justiça e a felicidade na terra.

EMILIO ZOLA

Ao lado da assistência de obrigação dos institutos de aposentadorias e pensões, é necessária também a contribuição do patronato industrial, comercial e agrícola, para que se instalem ambulatórios de emergência nas fábricas, nos grandes estabelecimentos comerciais e empresas, bem como nas propriedades agrícolas.

Nessa obra de salvação da saúde do povo brasileiro poder-se-ão interessar igualmente as entidades particulares, como sociedades beneficentes, departamentos de assistência de associações e sindicatos, postos clínicos, hospitais, maternidades e sanatórios, articulando-os em grandes cooperativas com desdobramentos distritais, que poderiam ser organizadas, contando, ainda, com a cooperação dos médicos e enfermeiras, através de suas organizações.

Entretanto, essa obra, por certo, de grandes proporções, mas indispensável e urgente, não se levará a cabo sem que o povo, que é o maior interessado, faça ouvir a sua voz, movimentando-se ativamente por meio das suas organizações — até que seja alcançado o objetivo final: a socialização da medicina.

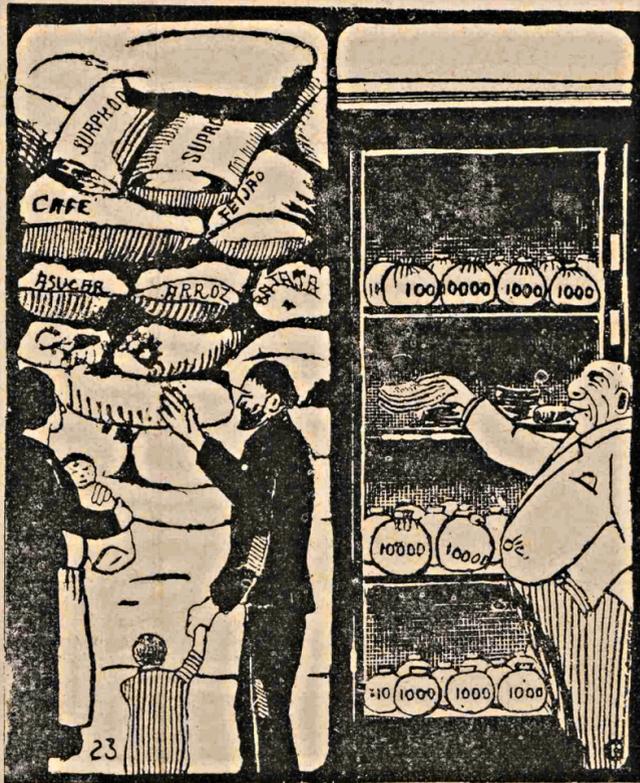
Em Tempo de Eleições

Aproxima-se a época em que o povo, por força de lei, será mais uma vez obrigado a depositar nas urnas o instrumento democrático do voto, para escolher quem o há de governar na área do Estado de São Paulo, como Governador e deputados à Assembleia Legislativa, e na área federal, para senadores e deputados federais.

Aparentemente, as eleições que aí estão, e para as quais se gastou tanta palavra vazia e tanto dinheiro que o povo tem de pagar, são honestas, processam-se democraticamente, atendem à norma de governo, do povo para o povo. Entretanto, a coisa é bem diferente! Em tempo de eleições, os caçadores de votos tudo prometem, tudo fazem, todos querem o bem estar do povo, a sua segurança e a sua tranquilidade.

Isso através das épocas, monárquicas ou republicanas, democráticas ou socialistas. Movimentam-se grandes capitais, empregam-se os mais convincentes meios de propaganda, mobiliza-se a opinião pública para a convencer de que deve escolher o melhor.

Mas, qual é o melhor? Os fatos o demonstram: nenhum! Ninguém é capaz de dar ao povo aquilo de que precisa: liberdade, igualdade e fraternidade! Isto só será possível quando o povo não mais votar e se organize por si mesmo, pela ação direta que sempre proclamamos, desprezando todos os caçadores de votos! Só assim o povo poderá ter tranquilidade, fartura, casa onde morar, escolas para os filhos, e, sobretudo, viver em um clima de amor e solidariedade, sem guerras, sem tiranos e sem exploradores.



A cena pode não estar de acordo com a "bossa nova"... — Mas espelha a realidade: O açambarcamento dos generos de primeira necessidade, para que os milhões se acumulem nos cofres dos ladrões que agem à margem da lei.

Plebiscito e Alimentação

SOUZA PASSOS

As correntes do situacionismo político do Brasil, para justificarem o fracasso verificado no campo do abastecimento, insistem, com uma teimosia irritante, na questão do plebiscito e da delegação de poderes. Levadas pelo propósito demagógico de atribuir a falta de tudo e a elevação incessante dos preços nos produtos da alimentação básica dos trabalhadores ao fato de não ter sido o povo consultado sobre a aprovação ou desaprovação do regime parlamentarista, que nos foi imposto como remendo constitucional por ocasião da renúncia do sr. Janio Quadros, vêm convulsionando o País batendo na tecla de que a data do plebiscito deve ser marcada quanto antes.

E quando um Ministro da Guerra vem a público para declarar que sem plebiscito não haverá paz, nem feijão, nem arroz, nem carne, nem leite, nem açúcar, temos de considerar que o plebiscito é algo muito importante. Tornou-se, assim, uma espécie de "Abre-te Sesamo!" da caverna de Ali Babá, palavra mágica e misteriosa que, ao ser pronunciada, tinha o condão de abrir a porta para os tesouros que o grande ladrão das Mil e Uma Noites tinha amontoado em seu esconderijo.

A culpa do custo de vida ter subido a uma elevação inacessível ao poder aquisitivo do povo; o fato de não haver feijão, de o leite estar ameaçado de desaparecer, de já ter sumido o arroz, dos assaltos aos caminhões de açúcar da Coap, de ter-se constatado, sem apelação, o aumento da carne para 350 cruzeiros, todas essas coisas, e outras coisas, acontecem por não ter o povo sido consultado se queria o presidencialismo ou o parlamentarismo!

Nós, que não somos políticos, mas que pertencemos ao povo, que fazemos parte desse povo que trabalha, que sofre, que é espezinhado por todos os que em seu nome nos desgozam, sempre queríamos saber que relação tem o plebiscito com a falta de feijão, arroz, leite, carne, açúcar e outros produtos da alimentação que faltam na mesa do pobre — o rico pode comprá-los a qualquer preço... — e quando aparecem é para que as classes trabalhadoras vejam que existem, mas não são para as suas bocas famintas!

Que importa ao povo que haja presidencialismo ou parlamentarismo? O que o povo quer é poder comprar aquilo que necessita para viver, vestir e calçar, pagar o aluguel da casa

onde mora e gozar o relativo descanso que lhe é permitido após as horas de trabalho. Já não se fala em recreio, na satisfação das necessidades intelectuais e artísticas, porque isso, para o povo, é sonho, é quimera. Não que não tenha direito: só ele, que trabalha e produz, teria direito de gozar dos benefícios da sua produção, da produção feita por todos os que visam fazer o mundo progredir e se tornam credores da coletividade. Os outros, os profissionais da política, a parte da população que nada faz de útil por que vive da exploração ou é escrava de conveniências apenas justificáveis no regime capitalista, é que não teriam o direito de viver à custa dos que produzem em qualquer campo da atividade humana, considerado necessário e de utilidade. Mas isso é outra coisa!

Mesmo colocados na conjuntura do momento atual, não vemos como a

alimentação, os produtos necessários à alimentação do povo, que faltam quando os tubarões querem aumentar os preços, o que fazem impunemente e com um descaramento que revolta, possam ter relação com o plebiscito, com a consulta ou não ao povo sobre se quer viver sob o regime parlamentarista ou presidencialista. Isso é mero jogo de palavras para complicar a situação e desculpar o fracasso de quem não sabe administrar e teima governar.

A realização desse plebiscito não trará ao povo nenhum benefício. Ao contrário, com as despesas que se há de fazer para movimentar a engrenagem burocrática destinada à realização dessa consulta, mais se lhe agravarão as dificuldades para viver. O povo tem demonstrado o seu apêgo à paz e à ordem, não se imiscuindo nessa trapalhada dos políticos, que sempre têm interesse em salvar a pele e poderem se instalar mais à vontade para melhor o explorar. Não foi a falta de produção e das colheitas dos gêneros de primeira necessidade o motivo de sua falta. A sua falta é motivada por cambalachos da política ou da má administração. Enquanto o arroz falta na mesa do pobre, montanhas de sacos de arroz estão à espera de venda ou de transporte nas fontes de produção. O mesmo acontece com os outros produtos. Por que se vende a cebola a 200 cruzeiros o quilo, o alho a 600 cruzeiros, a batata a 70, o feijão a 200 e a carne a 350. É por que faltam esses produtos? Por causa da inflação? Mas a inflação é um acidente na vida de um povo e não uma constante da sua personalidade. A inflação se produz quando há falta de lastro ouro para garantir o papel-moeda circulante, cujas emissões se fazem em uma ascensão contínua, para cobrir despesas muitas vezes inúteis; quando nada temos para vender e muito que comprar. Ora, no Brasil, um país rico de tudo, com dois terços de seu território virgem e inexplorado, deveríamos estar nadando em ouro, ou, pelo menos, apresentar-nos de cabeça erguida e não a mendigar favores.

Não deveríamos ser um povo sub-desenvolvido, mas uma nação de gente forte e bem nutrida, se não fossem os políticos que empregam a sua inteligência e a sua capacidade na mistificação para a desgraça do povo. A nossa terra, dádiosa e boa, como diria Vaz Caminha, tudo dá àqueles que sabem cuidar dela e a tratam com carinho. Mas acontece que está entregue à sanha de aventureiros que se lucuflatam da sua dádiosidade e a transformam em terra maldita, como no Nordeste, onde as soluções dependem do auxílio do exterior, auxílio que não é aproveitado, por que apenas uma percentagem muito insignificante é aplicada na realização do seu desenvolvimento. O resto, a maior parte, some nas negociações da política, que é a desgraça do Brasil.

"A Exploração Capitalista é Assombrosamente Clara"

EUCLIDES DA CUNHA

"A fonte única da produção e do seu corolário imediato, o valor, é o trabalho. Nem a terra, nem as máquinas, nem o capital ainda coligados, as produzem sem o braço do operário. Dai uma conclusão irredutível: — a riqueza produzida deve pertencer toda aos que trabalham. É um conceito dedutivo: o capital é uma exploração.

Não se pode negar a segurança do raciocínio.

A exploração capitalista é assombrosamente clara, colocando o trabalho num nível inferior ao da máquina. De fato, está na permanente passividade da matéria, é conservada pelo dono; impõe-lhe constantes resguardos no trazê-la íntegra e brunida, corrigindo-lhe os desarranjos; e quando morre — digamos assim — fulminada pela pleora de força de uma explosão, ou debilitada pelas vibrações que lhe granulam a musculatura de ferro, origina a máguia real de um desfaleque; a tristeza de um decrescimento de fortuna, o luto inconsolável de um dano. Ao passo que o operário, adstrito a salários escassos demais à sua subsistência, é a máquina que se conserva por si, e mal; as suas dores recalca-as forçadamente estoico; as suas moléstias que por uma cruel ironia crescem com o desenvolvimento industrial — o fosforismo, o hidragirismo, o oxicarbonismo — cura-as como pode; e quando morre, afinal, às vezes subitamente triturado nas engrenagens de sua sinistra socia mais bem aquinhada, ou lentamente esverdeado pelos sais de cobre e de zinco, parafítico e delirante pelo chumbo, inchado pelos compostos de mercúrio, asfixiado pelo óxido carbônico, ulcerado pelos cáusticos dos pós arsenicais, devastado pela terrível embriaguês petrolica ou fulminado por um COUP DE PLOMB — quando se extingue, ninguém lhe dá pela falta na grande massa anônima e faciturna que enxurra todas as manhãs a porta das oficinas".

(Do livro "Contrastes e Confrontos")

Festa da Primavera

Realizar-se-á no próximo dia 23, domingo, a tradicional festa campestre familiar que habitualmente se realiza todos os anos em Nossa Chácara como Festa da Primavera.

A essa festividade comparecem sempre muitas famílias de companheiros que levam as crianças, às quais é dedicada, e que ali encontram um ambiente sadio e adequado ao seu desenvolvimento físico e cultural.

Como nos anos anteriores, serão convidados elementos das atividades artísticas do rádio e do teatro para o programa de variedades, no qual tomarão parte também crianças filhas de companheiros, em recitativos, canto e música, assim como muitos jovens do nosso meio que se distinguem sempre por suas qualidades artísticas.

PROUDHON E MARX

De LIBERTO L. REIS

III e Último

Eis os principais trechos da resposta de Proudhon, datada de Lyon, 17 de maio de 1846:

"Caro senhor Marx: Consinto de boa vontade ser um dos membros de sua correspondência, cujo propósito de organização me parece devem ser muito úteis. Não lhe prometo, contudo, escrever-lhe muito a miúdo; minhas ocupações de toda espécie, unidas de uma preguiça natural, não me permitem estes esforços epistolares. Tomarei, também, a liberdade de expor-lhe algumas reservas que me são sugeridas por algumas passagens de sua carta.

Antes de nada, minhas idéias em matéria de organização estão, neste momento, por completo definidas. Busquemos, juntos, se quiser, as leis da sociedade, o modo como se realizam essas leis, o progresso segundo o qual chegamos a descobri-las; mas, por Deus, depois de ter demolido todos os dogmatismos a priori, não caiamos na contradição de seu compatriota Martinho Lutero, o qual, depois de haver derrocado a teologia católica, pôs-se de imediato, com grandes esforços, a fundar uma teologia protestante. Faz três séculos a Alemanha vem se preocupando em destruir o remendo de Lutero; não venhamos a dar ao gênero humano um novo trabalho por novas confusões. Aplaudo de todo coração seu pensamento de produzir um dia todas as opiniões; façamos boa e leal polémica; demos ao mundo o exemplo de uma tolerância sábia e previsora, mas, por estarmos à testa do movimento, não nos creiamos apóstolos de uma nova religião, ainda que essa religião seja a da lógica, a religião da razão". Sobre o caso de Grün Proudhon escreve: "Lamento sinceramente as pequenas divisões que, parece-me, existem já no socialismo alemão, e de que suas queixas contra o senhor (Grün) me oferecem a prova. Tem o senhor haja visto este escritor sob uma luz falsa; eu apelo, querido senhor Marx, ao seu sentido sereno. G... encontra-se desolado, com dinheiro, com mulher e dois filhos, sem outra coisa para viver que sua pena. Que quer o senhor que explore para comer se não as idéias modernas?"

"Ignoro completamente se G... apresentou-se ele mesmo como meu mestre; mestre de quê? Eu só me ocupo de economia política, coisa de que ele não sabe quase nada; considero a literatura como um brinquedo de meninas; e quanto a filosofia, sei o bastante para ter o direito de rirmela dela quando chego a ocasião. G... não me descobriu nada absolutamente; se o disse, disse uma impertinência de que estou certo se arrependerei."

"Veria com prazer, meu querido senhor Marx, que retificasse um juízo produzido por um instante de irritação; porque o senhor estava colérico quando escreveu".

"Minhas saudações a seus amigos, os senhores Engels e Gigot. Seu advogado F. J. Proudhon".

A resposta de Proudhon (que lico de moral) serviu de ponto de partida para que, meses mais tarde, o autor da "Miséria da Filosofia" votasse todo o seu ódio contra o amigo da véspera, ódio que o ceou por completo, levando-o a escrever o virulento panfleto contra Proudhon, insultando-o desde o início com estas palavras da "Nota Preliminar": "O senhor Proudhon tem a infelicidade de ser singularmente desconhecido na Europa. Na França, tem o direito de ser mau economista, porque passa por ser bom filósofo alemão. Na Alemanha, tem o direito de ser mau filósofo, porque passa por ser um dos melhores economistas franceses. Nós, na nossa qualidade de alemão e economista ao mesmo tempo, quiséramos protestar contra esse duplo erro".

Comparem-se, com isenção de ânimo, as palavras de Marx sobre Proudhon antes e depois desta troca de cartas. Onde Marx expressou com sinceridade, com honradez, o que pensava de Proudhon, na "Sagrada Família" ou na "Miséria da Filosofia"?

E toda essa transformação em menos de cinco meses, quando estava ocupado na organização de comitês de correspondência, nada tendo publicado que demonstrasse novas idéias ou "descobertas científicas", como ele tanto gostava de usar e abusar. Onde a causa de tão estranha contradição?

A resposta a esta questão só pode ser uma e foi dada pelo sociólogo e militante anarquista alemão Rudolph Rucker: "Marx queria ocultar a fonte em que havia bebido. Todos os que tenham estudado a ques-

tão e não se sintam arrastados pelo fanatismo partidário terão que reconhecer que esta explicação não é caprichosa".

O escritor russo Varlan Tcherekoff, em pesquisas que fez nas bibliotecas européias, encontrou nos velhos escritos posteriores a Fourier e Saint-Simon, obras de Considerant, Dasami, Mey, Leroux, Barbes e outros, que haviam desaparecido durante a reação da Santa Aliança por todos os países após as revoluções de 1848, nelas encontrando a origem do chamado "comunismo científico". Tcherekoff apresentou o resultado de suas investigações no livro "O Marxismo Antes de Marx", tendo anteriormente publicado parte em duas séries de artigos em "Temps Nouveaux", de Paris, e "Freedom", de Londres, com os títulos de "Precursos da Internacional" e "Páginas de História Socialista".

Nesses estudos demonstra com clareza, citando as obras e as datas de suas publicações, que muitas idéias apresentadas por Marx e Engels como suas "descobertas", tais como a "concepção materialista da história" a teoria da "plus valia", a "concentração do capital", etc., haviam sido expostas por outros autores, dentre eles Proudhon. As mesmas conclusões chegaram outros estudiosos como Max Nettau, Rudolph Rucker, Gurvitch e o próprio Arturo Labriola, marxista italiano, que declarou publicamente, no jornal "Avanti!" (Ano VI, n.º 1901, de 1902) que o "Manifesto Comunista" de Marx e Engels, nada mais é que uma tradução livre do francês do "Manifesto da Democracia" de Vitor Considerant, publicado cinco anos antes de o opúsculo marxista.

Quanto ao livro "Miséria da Filosofia", que é o principal trabalho de Marx contra Proudhon, embora nele só ataque o "Sistema das Contradições Econômicas da Filosofia da Miséria", gostaria que os marxistas os lessem ao mesmo tempo, analisando-os por comparação. Posso afirmar que muita coisa interessante e desconhecida encontrariam nesse estudo. Todas as críticas a Proudhon e ao anarquismo, há mais de um século feitas pelos marxistas, baseiam-se no que deixou escrito o próprio Marx, sem nunca se atreverem a reexaminar os conhecimentos das obras de Proudhon.

Proudhon, dado o estilo de ofensa pessoal em que Marx verteu a sua obra, limitou-se a fazer meia centena de anotações à margem do livro deste, bastando-lhe, para compreender o que se estava passando e deixar de lado o panfleto difamatório.

"Pequeno-burguês", eis o insulto em que Marx acabou resumindo à perfeição a natureza e o pensamento de Proudhon, até hoje repetida por todos os marxistas, ortodoxos ou bolchevistas, reduzindo a essa expressão a sua crítica não só a Proudhon como à própria doutrina acrática.

O que se deve entender por Socialismo

Socialismo significa, para nós, a integração e elevação cultural e ética da personalidade humana liberada do temor, da miséria e dos prejuízos milenários da ignorância. Do ponto de vista econômico torna comum a propriedade dos meios de produção para benefício da coletividade. O socialismo não se baseia sobre a denominação ou ditadura de uma classe, casta, partido ou grupo social qualquer. É irrealizável sem liberdade. Fica anulado por toda ditadura, pois ainda que esta se pretenda exercer em nome de uma classe e se proclame provisória, termina por querer se perpetuar e resulta o maior obstáculo ao progresso e as necessidades do povo.

O socialismo libertário ou anarquismo tende a substituir ao atual Estado por uma nova ordem de coisas, baseada na organização de uma administração descentralizada dos interesses sociais comuns. Isto é, de livres associações comunais e regionais de consumidores e produtores, anarquizadas e modificadas segundo a vontade dos componentes, guiado pela experiência e livros de toda imposição.

Esta diferença entre administração livre e administração autoritária, ou melhor, entre administração das coisas e governo dos homens, é fundamental. As mentes educadas no culto à autoridade não querem e, às vezes, não sabem compreendê-la. E ainda quando falem de administração das coisas não separam este conceito do de domínio. Por isso atribuem ao Estado o papel de amo e criam a propriedade estatal, substituindo o capitalismo privado por um gigantesco capitalismo de Estado. Por isso, não falamos de nacionalizar, mas sim de socializar as fábricas, os campos e as oficinas.

Sustentamos, consequentemente, que as fábricas devem ser dirigidas e administradas por seus operários, técnicos e profissionais; os campos pelos que o lavram individual ou coletivamente. Utilizando racionalmente as fontes de energias, as federações industriais organizarão o aproveitamento da riqueza minéfrica, petrolífera etc., as comunicações e os transportes. Os centros de educação em seus diversos graus, as associações de atividades artísticas e de expansão cultural serão orientadas autonomamente por seus professores, mestres, egressos e alunos.

"A HUMANIDADE E OS SEUS PROBLEMAS"

Este foi o tema da conferência pronunciada em 4 de agosto p.p. e a qual foi assim noticiada pelo reporter da "Folha de São Paulo", que a ouviu com vistoso interesse:

"A maior causa do sofrimento humano é a ignorância" — disse o prof. Francisco Vilela Filho, em palestra pronunciada no Centro de Cultura Social.

O orador — que é membro da Sociedade Teosofica Brasileira — afirmou ainda que "o problema da felicidade humana não será resolvido por regimes religiosos ou ideológicos, mas única e simplesmente pela cultura", acentuando a grande responsabilidade e o papel preponderante a ser representado pelos escritores, "que poderão elevar as massas ou mantê-las enleadas em sua ignorância".

Analisando o problema à luz da teosofia, disse o prof. Francisco Vilela Filho que ao Brasil estará reservado um grande papel no futuro: "ser o berço da futura raça humana, que substituirá a atual".

Reportou-se o orador às várias espécies humanas que já habitaram o globo, detendo-se no exame do desaparecimento da Atlântida, que, segundo sua concepção, teria sido o berço da raça atual, por meio da sobrevivência de elites emigradas para o Tibete há cerca de 1 milhão de anos, de onde — depois de 150 mil anos de transformação e evolução — se espalharam pelo mundo formando a raça "ariana".

No final da conferência, como de costume, foi permitido o pronunciamento da assistência, tendo-se pronunciado os companheiros Pedro Catalo, Edgard Leuenroth e Roberto das Neves, todos enaltecendo a demonstração de cultura e da clareza de exposição do conferencista, frisando, entretanto, a necessidade da difusão da cultura por todos os ambientes sociais, de maneira a ser posta em função da evolução dos problemas humanos.

É pensar que esse insulto a um autêntico filho do povo e batalhador proletário foi lançado por quem era filho de advogado, neto de rabino, incapaz de qualquer trabalho manual, incapaz mesmo de ganhar a sua subsistência e que do povo só conhecia alguns operários vistos nos entreveros das reuniões políticas.

Muito foi dito e provado com farta documentação sobre o temperamento e a conduta de Marx em toda a sua militância no movimento socialista, principalmente na Associação Internacional dos Trabalhadores, que mostram bem de que semente Kruschev deveria, também, fazer um "relatório secreto" da vida e da obra de Marx.

Voltando ao artigo de "Novos Rumos", quero ressaltar que o seu autor é, também, digno discípulo de Marx, pois calunia o próprio mestre, atribuindo-lhe afirmações sobre o livro de Proudhon que nem ao menos devem ter ocorrido ao autor da "Miséria da Filosofia", pois não se encontram no mencionado livro.

ULULO

Aí vem o herói. Motim. Entusiasmo. Vitória. Boçalissimamente o entroniza a canalha. E o inconsciente, o imbecil, nos enxurros da escória, A enfundar-se, lá vai, de retôrno à batalha.

Pilhou. Roubou. Matou. Prostituiu. A oratória Celebra o vencedor e o vencido atassalha. A infâmia organizada, a ferro e a palmatória, A inocência castiga, a velhice metralha.

Horror. Execução. Generais, militares, Faizeis que o homem, que é bom, se degrade e assassine. Da hiena e do chacal sois vós os avatares.

Herói, é só quem faz que a razão se ilumine. E, para outrem vivendo, almas apostolares, É um Proudhon, é um Réclus, é um Pedro Kropotkine!

MARTINS FONTES

PROBLEMAS DOUTRINÁRIOS Sobre a Anarquia

A. E. LIZENKO

Dos estudos feitos sobre o Estado concluímos que o seu aspecto militar lhe dá uma segurança física, externa ou coletiva; o aspecto religioso lhe confere uma segurança espiritual; o aspecto financeiro, o econômico, o político, o jurídico e o ético e estético, segurança específicas que, no fundo, são manifestações de poder. A síntese destas seguranças todas, a síntese de todos estes poderes é o Estado.

Assim sendo, para combater o Estado, temos que criar um organismo ou uma entidade que lhe seja "diretamente proporcional" quanto à sua "multiplicidade de aspectos" e "inversamente proporcional", quanto à sua "unidade de fins". A finalidade deste organismo ácrata que substituirá o Estado, no advento da Anarquia, será a constante redenção humano-social.

Poderá haver quem diga que a análise e a síntese desta entidade seguirão o mesmo mecanismo, a mesma estrutura e a mesma dinâmica estabelecida, entretanto, os seus princípios básicos ou princípios gerais e, consequentemente, a sua finalidade serão opostos àquelles do Estado.

A concomitância ou a simultaneidade entre o sintético, no mundo ácrata, é de imperiosa necessidade: porquanto, numa entidade, num todo poderemos separar de modo radical a fração do inteiro, sem destruir-lhe a integridade ou a unidade mesma. Ambos formam um todo indivisível, na sua essência e na sua finalidade.

Os princípios básicos ou princípios gerais deste organismo anarco-humano-social de combate ao Estado são os seguintes: Humanismo — Pacifismo — Laicismo — Liberdade — Federalismo — Antiestatismo — Comunismo-Anárquico.

Os laboratórios, os hospitais e em geral a saúde pública; as obras públicas (casas, escolas, usinas, estradas, pontes, etc.), devem ser projetadas e dirigidas por conselhos de profissionais e operários, tendo em conta as necessidades regionais e comunais, cooperativamente, e em estreita vinculação com os distintos setores da sociedade, interessados nessas funções de bem social e de progresso coletivo. Nessas condições esses organismos deverão conciliar duas ordens que geralmente se chocam na atual convivência: os desejos e interesses coletivos e as aspirações e direitos individuais.

Neste sentido propugnamos uma ordem jurídica, insistimos, baseada na organização e federação livre dos sindicatos, cooperativas e coletividades de produtores manuais e intelectuais.

Não planejamos mundo idílico, nem propomos soluções para o amanhã. Hoje mesmo, agora e aqui, paulatina ou aceleradamente, em concordância os atos parciais e os meios com os fins propostos, daremos o vigoroso apoio às múltiplas instituições cooperativas, centros de fomento, bibliotecas populares, associações educativas, sociedades científicas e técnicas, centros estudantis, mutualidades, sindicatos livres etc. — criadas na base da iniciativa popular e que constituem, dentro do regime democrático-capitalista, expressões de realizações socialistas.

Em resumo, baseados na experiência histórica e na vontade e desejo de realização de um mundo novo e melhor, no qual o homem livre, alegre, são e culto seja a medida de todas as coisas, sustentamos:

- O federalismo, em oposição ao centralismo estatista;
- A confraternização internacional, oposta ao nacionalismo;
- O humanismo, no lugar do racismo;
- O total desarmamento material e espiritual, em vez do militarismo;
- A liberdade de pensamento e de consciência em contraposição ao dogmatismo político e clerical;
- A socialização dos bens, que não sejam de uso pessoal, contra a apropriação particular da riqueza.

Cada um destes princípios gerais é comum à toda estrutura anarco-social, do mesmo modo como aquêles do Estado são comuns a toda estrutura estatal.

A síntese dos princípios básicos, acima citados, constitui a "entidade moral" da Anarquia. E que bela e humana moral! No fundo, todos estes princípios básicos são cultores da liberdade e valorizadores do homem, como entidade livre e pensante.

Lamentável é querer-se identificar os anarquistas uns com os outros, não por intermédio de sua flagrante "unidade de fins", de sua unidade anímica, interna ou final, mas sim pelo outro lado, pelos aspectos exteriores, pela modalidade de luta, como se todos os homens devêssem ter a mesma altura, o mesmo peso, a mesma cor, enfim, ter os mesmíssimos atributos. Isso seria defender subitivamente uma "unidade de aspectos" para uma consequente "unidade de fins".

O que importa é a "unidade de fins" enquanto que a "unidade de aspectos" ou ácrata, as formas exteriores pelas quais o indivíduo se identifica como anarquista devem-se acomodar ao temperamento de cada um deles.

Este sentido social organizativo (unidade de aspectos e unidade de fins) seria de natureza típicamente suicida. Não são assim os partidos políticos? As religiões? Isso seria a negação dos nossos próprios princípios e da nossa linda filosofia. Não pretendem as ditaduras condicionar estupidamente todos os seres dentro de uma mesma "unidade de pensamento e ação"? Não parece isso um contra-senso?

O que logicamente une os libertários não são os seus aspectos exteriores, mas sim os seus objetivos finais e o seu sentir interior. Isso nos é facilmente possível. É uma questão de critério de métodos e de tempo.

Julgo que os organismos ácratas devem inicialmente obedecer a um critério étnico-geográfico e não a um critério continental, regional e muito menos nacional. Não importa que não exista solução de continuidade territorial. Fugir deste critério étnico-linguístico-geográfico é ser messiânico, é ser utópista e, até mesmo, dirigista ou centralista, pois se os povos de uma federação ácrata não se entendem entre si, devido aos instrumentos idiomáticos, é certo que terão necessidade de interpretes e intermediários ou coisa equivalente, e a ação direta do homem do povo, individualmente considerada, sofreria muito com isso.

CURSO DE ESPERANTO NO CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Tiveram início no dia 16 do mês p.p. as aulas de Esperanto do prof. Moysés Garcia Filho, no Centro de Cultura Social, aos alunos inscritos para um curso de 5 meses.

O prof. Garcia demonstrou a sua capacidade e tacto na matéria, discorrendo em Esperanto e mantendo contacto com os alunos através de perguntas fáceis de responder. A primeira aula foi realmente um sucesso, pois que, dirigida pelo professor Moysés Garcia com muita habilidade, era acompanhada pelos alunos com muito interesse.

O curso deverá continuar todas as terças e quintas-feiras, a partir das 20 horas, no salão do Centro de Cultura Social, à rua Rubino de Oliveira, 85 (Brás). Inscrições gratuitas.

O LIBERTÁRIO

SÃO PAULO — SETEMBRO DE 1962

ANO II — N.º 11

MOVIMENTO OPERÁRIO

Os Libertários nas Atividades do Movimento dos Trabalhistas

EDGARD LEUEUROTH

Vêm os anarquistas desenvolvendo sua atividade, há mais de 50 anos, no meio do proletário brasileiro, não como chefes, líderes ou mentores, mas sim como partes integrantes do todo, como suas unidades operantes, trabalhando em prol do fortalecimento e orientação de sua organização, lutando por suas reivindicações, esforçando-se pela elevação de seu nível moral e pelo desenvolvimento de sua cultura.

Pela ação dos anarquistas, iniciou-se no Brasil o movimento sindical de resistência, de ação direta, do proletariado, firmando-se sua orientação de luta de classes com a realização dos congressos nacionais levados a efeito no Rio de Janeiro, em 1906, 1913 e 1920, e regionais, realizados em São Paulo, em 1906, 1908, 1931 e 1934 e no Rio Grande do Sul e Pernambuco, etc., em períodos vários, deles surgindo a Confederação Operária Brasileira, em 1906, e as gloriosas Federações Operárias de S. Paulo, em 1905, e no Rio Grande do Sul, Paraná, Pará, Pernambuco, etc., além dos sindicatos, ligas operárias, etc., em todos os pontos do país.

Não comporta um documento desta natureza um esboço histórico da ação desenvolvida por essas organizações durante o período de sua longa atividade sob a orientação principal dos anarquistas.

Foram dezenas de anos de lutas permanentes contra a ganância do capitalismo e as medidas reacionárias dos governantes.

Partindo do marco zero das reivindicações dos trabalhadores, desde, mais acenadamente, o começo deste século, lançou-se o movimento proletário, orientado pelos libertários, nas peles contra o arbítrio patronal e estatal, pela regularização do horário de trabalho, objetivando a jornada de 8 horas, pelo aumento dos salários com a abolição de descontos e multas, pela regularização do trabalho das mulheres e das crianças, pelas férias remuneradas, pela segurança e higiene do trabalho, pelo respeito à pessoa do trabalhador e de sua organização, por tudo, enfim, que se patenteava necessário para minorar as consequências da exploração capitalista e melhorar a sua situação econômica, profissional e moral.

Foram anos e anos de duras, de difíceis, de tremendas campanhas, nas quais os anarquistas deram sempre o exemplo de atividade, de dedicação e de espírito de sacrifício. Na história do martirólogo do proletariado brasileiro figuram os libertários em situação de destaque. De toda a sorte de sofrimentos foram vítimas. Perseguições sem conta, assaltos a

domicílios, processos, deportações e expulsões, espancamentos e assassínios enchem grandes espaços dos jornais de todos os anos passados e nas matas da Clevelândia as ossadas dos militantes libertários testemunham a sua dedicação à causa proletária.

A reação patronal e estatal culminou com a implantação da ditadura iniciada em 1937, estragando a atividade da organização sindical de orientação sindicalista libertária, já prejudicada pela ação deletéria dos bolchevistas, que a queriam dominar para ser transformada em instrumento de seus manejos políticos.

Ficou, assim, a velha e gloriosa organização do proletariado impedida de desenvolver livremente a ação orientadora da verdadeira atividade de luta social.

Não obstante a atividade que os militantes libertários conseguiram desenvolver na clandestinidade, vencendo dificuldades, sem conta e sofrendo constantes perseguições, não pôde ser impedido que surgissem os sindicatos sujeitos inteiramente à influência e controle direto e permanente do governo, através do Ministério do Trabalho, que dos mesmos fez objeto de sua demagogia nos manejos de sua politicagem.

Desde então, ficou a classe trabalhadora do Brasil inteiramente sujeita à ação governamental, e à ação corruptora da burocracia sindical, sofrendo as influências dos elementos que a querem enfeudar a um partido, bem como às tendências de exclusivismo e de corporativismo de indivíduos que, como funcionários, pretendem torná-la instrumento de suas conveniências políticas e pessoais.

Cessando, porém, o domínio do Estado Novo, embora a reação contra os trabalhadores ainda se faça sentir, trabalha-se no sentido de conseguir libertar a organização proletária das peias ministerialistas, do burocratismo sindical e dos manejos dos politicários, para que possa retornar a sua atividade anterior de luta consciente em prol da defesa de seus interesses imediatos e de preparo para a completa emancipação.

Nessa obra continuam empenhados os anarquistas, prestando sua decidida cooperação ao trabalho de orientação dos operários para que se possa dar nova vida aos sindicatos e ressurgir o verdadeiro movimento proletário brasileiro, tão cheio de gloriosas tradições baseada ao princípio de que a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores.

Os Bolchevistas e a Revolução Russa

OSWALDO SALGUEIRO

Após a publicação do artigo sob o título acima em torno do livro "Setenta dias em Rússia", de Angel Pestanha, julguei que deveria voltar ao assunto.

Vimos, no artigo anterior, que Zinoviev disse a Pestanha que "não se pode praticar o comunismo em larga escala", dando a entender, no entanto, que já o estavam praticando. É oportuno, portanto, agora, após decorridos mais de 40 anos, frisar as declarações que de vezes em quando nos chegam da Rússia, segundo as quais o regime, ali, por enquanto ainda está na fase do socialismo para depois passar para o comunismo. Mas não sabemos (eu, pelo menos, não sei) a que espécie de socialismo ou comunismo se alude. Também de quando em quando tocam-se alusões, afim de atender à dialética marxista-leninista, à debilitação do Estado para que este, por si, venha a desaparecer; isto, porém, não passa de um mito, tal como o da chamada ditadura do proletariado. Aliás, a ditadura do proletariado é tão absurda, tão inconcebível quanto a posição invertida de uma pirâmide, tanto no sentido material como no simbólico do termo, em face da hierarquia estatal. Enfim, Lenine, Trotski e Zinoviev, já se foram. Stálin, mui acertadamente cognominado de Czar vermelho, também já se foi. Também um dia Kruchev irá, como irão os seus sucessores. E se o regime subsistir por mais uns dois mil anos, digamos assim, (o que eu não creio e nem desejo tal desgraça para o povo russo) dar-se-á o mesmo fenômeno que, sob outro ponto de vista, se vem registrando, desde S. Pedro a João XXIII, dentro do Cristianismo. Falar-se-á sempre em uma doutrina que não sabe em que consiste, dado o sentido que se lhe quer emprestar.

Mas se os bolchevistas, quando tomaram o poder, não tiveram pressa ou capacidade para por em prática o que entendiam por comunismo, tiveram, e muita, em organizar ou reorganizar com os restos, evidentemente, do que sobrou do czarismo, o exército e a polícia. E com uma eficiência de pasmar. Com respeito à organização policial, bastaria dizer que, posteriormente, ela veio a servir de modelo e inspiração a Hitler.

O escritor Victor Serge, que então vivia na Rússia, acabou por aceitar, para não se tornar "carne de prisão", um alto cargo no Governo e oficialmente era comunista, em consequência do que não queria passar, perante Pestanha, por um anarquista de consciência limpa. Pois bem, em uma entrevista que este teve com aquele a certa altura, Victor Serge, confirma a crueldade dos bolchevistas da qual tanto se falava na Europa, e diz: "A Comissão extraordinária, esse tribunal em que preside Djerzinsky, o Robespierre do bolchevismo, julga e fuzila sem dar ao réu tempo para que se defenda; nem, pelo menos, pode tomar conhecimento das acusações que lhes causam a morte. Há casos verdadeiramente monstruosos. Relatar-te-ei um deles. Detido um engenheiro e acusado de haver vendido treze libras de açúcar pelo valor de 36.000 rublos, que, como sabes, têm um valor muito relativo, foi apresentado à Comissão Extraordinária. Essa Comissão condenou-o à morte. A razão de tal condenação teve por fundamento o fato de que antes da revolução ele tinha pertencido ao partido menchevique. A senhora do engenheiro avisou alguns de seus amigos, estes vieram ter comigo e logo iniciamos gestões em seu favor. Prometeram-nos conceder-lhe indulto; mas três dias depois, lemos na "Izvestia" que o ti-

nam fuzilado naquela manhã. Casos assim podem ser relatados centenas deles".

Como se vê, os deuses tinham sede. Muita sede. Sede de sangue, é claro.

Quando à organização do Exército, foi preciso, segundo declarou um "camarada" (as aspás são minhas) comandante a Pestanha, "reestabelecer a pena de morte e as mais severas penalidades para evitar as deserções em massa. E não só se castiga o soldado que deserta, como também a aldeia ou qualquer outra povoação onde ele se refugia e não o denuncia, tem que pagar uma pesada contribuição pela ocultação".

Todas as localidades que a comitiva, da qual Angel Pestanha fazia parte, visitava, era ali festejada com banquetes, contrastando vergonhosamente com a indigência observada entre as massas, essas massas geralmente tão incensadas pela demagogia comunista. Ora antes, ora após o banquete, vinham os comícios que, infelizmente, tinham como preldio e por epílogo o toque, por uma banda, da Internacional, que todos eram obrigados a ouvir de pé e os soldados, retesados, de mão elevada ao quepi, como se se tratasse do hino nacional. É de se supor que, de um modo geral, todo aquele povo, forçado por cordas de isolamento a assistir a essas manifestações de uma certa distância, então não conhecesse as estrofas da Internacional. Se assim era, tanto melhor para ele, para a sua amargura; de qualquer maneira, porém, tudo aquilo — Internacional, banquetes e comícios, comícios e banquetes e Internacional — talvez o impressionasse com um certo fundo de escarneo. Tanto mais que entre esse povo tinham espalhado a notícia de que aqueles estrangeiros que por ali andavam convidados pelo Governo, tinham sido bem pagos para, depois, lá fora irem dizer bem do regime. Mas isso não era verdade.

Abaixo a Guerra! Viva a Anarquia!

MILITANTE ANARQUISTA DE 82 ANOS FAZ A CREVE DA FOME E LIVRA DA PRISÃO VÁRIOS ANTIMILITARISTAS

Louis Lecoïn é militante anarquista nascido na França, com 82 anos, redator do jornal anarquista "Liberté" publicado em Paris, especializando-se na campanha pacifista.

Num de seus característicos gestos de consciência libertária contra a guerra e antimilitarista, teve larga divulgação na imprensa mundial, dele assim se ocupando a "Fôlha de São Paulo", que, com a devida venia, reproduzimos a seguir:

TOUT CE QUI EST HUMAIN EST NÔTRE

Liberté

23 Janvier 1959
DEUXIÈME ANNÉE - NUMÉRO 38
Téléphone : Talbot 77-46
Compte courant postal Paris 1410-58
(LECOÏN, 16, rue Montyon, Paris - 9^e)
ABONNEMENTS : 1 an 1.500 FRANCS
6 mois 750 FRANCS
Édition : 2.000 francs de 1.500 francs

L'HEBDOMADAIRE DE LA PAIX PARAISSANT LE VENDREDI * PRIX : 40 FRANCS

Un statut des objecteurs serait adopté

Où le cache-t-on ?

OUVRONS LA CAGE!

Parte da 1.ª página, em "fac-símile", do jornal "Liberté", que Louis Lecoïn publica em Paris, com notável repercussão.

PARIS, julho (FSP) — Vinte e dois dias depois de iniciado seu jejum, Lecoïn, o "Gandhi francês", o velho anarquista que mantém férrea coerência nas suas convicções, estava no fim. Foram expressões de sua própria filha Josette, na clínica Bichat:

— "Vai muito mal", disse ela. "É questão de horas. Está no fim".

Numa cama, pele sobre osso. Louis Lecoïn jazia silencioso, os olhos fechados havia três dias. Muitas pessoas no hospital, alguns velhos amigos, médicos e enfermeiras, Lecoïn começara o jejum de 1.º de julho, para obter a libertação de 130 objectores de consciência presos nos cárceres franceses porque não queriam prestar serviço militar alegando a objeção clássica: antimilitaristas. E como Lecoïn não é desses que falam e não agem, iniciou o protesto para levá-lo até o final como levou.

Mendigo Enquanto aguardava sua morte, alguns recordavam sua vida. Quando menino, Lecoïn fora mendigo. Andava pelas ruas de Paris, com o pai que tocava realejo. Com o barrete recolhia algumas moedas. Contaria mais tarde:

— "A gente das ruas via nossa miséria. Até um cego poderia vê-la. Alguns davam um níquel, outros não".

Aos 15 anos, obteve emprego de jardineiro na vila de rico industrial. Mas logo o deixou quando notou que, enquanto milhões passavam miséria, os moradores da vila bebiam champanha todos os dias. Comia bem, mas sua consciência não lhe permitia que visse quase como um nababo quando sabia que se morria de fome nos subúrbios de Paris.

Um ano depois, Lecoïn foi preso, porque resistiu a um polícia que o queria expulsar de um café "demasiadamente elegante para ele". Permaneceu na cadeia durante 3 meses.

Soldado Em 1910, era soldado. A França vivia dias agitados, com os sindicatos operários se organizando. Certo dia, o capitão de sua unidade convocou a tropa para dispersar manifestação de ferroviários grevistas:

— "Atacar os próprios franceses sr. capitão? O sr. está louco!" E, dizendo isso, Lecoïn tirou o fuzil dos ombros e colocou-o junto a parede. Dois dias depois, comparecia perante Corte Marcial que o condenou a 6 meses de reclusão. "A prisão lhe servirá de lição", disse o juiz militar.

Saiu da prisão seis meses depois e voltou a empunhar o fuzil. Mas também voltou para a prisão dias depois porque se recusou a atacar uma manifestação popular nas ruas de Paris. Na terceira vez, quando sua unidade foi convocada

para atacar os plantadores de uva da Champagne. Lecoïn foi deixado no quartel. Obtinha êle, assim, sua primeira vitória.

Contra a guerra

As vésperas da Primeira Guerra Mundial, era secretário da Federação Anarquista e redator do jornal "Liberdade". Promovia comícios nas ruas de Paris, divulgando suas idéias, condenando a guerra e exaltando o anarquismo. Insistia num ponto: o direito que os homens têm de se recusarem a matar, ainda que seja em nome da pátria.

Certa noite, ao sair de um restaurante foi preso: a acusação era das mais graves: incitamento à deserção. Ficou no Santé durante vários meses, para que refletisse na proposta que lhe fizeram: seria libertado, se se alistasse como voluntário ou como convocado. Mas êle respondia que não. Jamais empunharia arma para matar. E foi condenado a 4 anos de prisão. Enquanto o juiz lia a sentença, Lecoïn gritava:

"Abaixo a guerra! Viva a anarquia!"

Os juízes acrescentaram 18 meses à pena de 4 anos.

Contra o Estado

Cumprida a sentença, Lecoïn saiu. Mas, alguns meses depois voltava a ser preso, por delito de imprensa contra o Estado. Dividiu a cela com Marcel Cachin, o líder comunista, com quem discutia sempre, divergindo sempre. E foi nessa ocasião que Lecoïn fez sua primeira greve da fome reivindicando o direito de ser tratado como prisioneiro político e não como um delinqüente.

Quatro dias depois da greve, o governo francês, temendo a repercussão do gesto do anarquista, atendia ao seu pedido. Estava-se

(Conclui na 3.ª pag.)

LIBERTÁRIO

Diretor:
PEDRO CATALO

A publicação de "O Libertário" está confiada a uma comissão do jornal, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação. Indica-se o nome do diretor por exigências de formalidades legais.

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada EXCLUSIVAMENTE para a CAIXA POSTAL, 5739 — São Paulo, em nome do diretor.

Redação e Administração:
Rua Rubino de Oliveira N.º 85
São Paulo

Assinatura Anual, Cr\$ 200,00